

DOSSIÊ – ARTIGOS

NARRATIVA DE FORMAÇÃO: *OLHOS DE CORUJA, OLHOS DE GATO BRAVO*

NARRATIVE OF FORMATION: *OLHOS DE CORUJA, OLHOS DE GATO BRAVO*

NARRACIONES DE FORMACIÓN: *OJOS DE BÚHO, OJOS DE GATO SALVAJE*

Mariene de Fátima Cordeiro de Queiroga¹

Resumo: No âmbito dos Estudos Culturais, mediante o domínio pós-colonial, este trabalho propõe refletir a problematização da formação de identidade através da literatura, como campo privilegiado, especificamente, a obra *Olhos de Coruja Olhos de Gato Bravo* (2001), de Luís Cardoso. Pretende-se esboçar o entorno cultural do imaginário criativo do autor, com atenta focalização na personalidade narrativa que transita o texto. Este estudo analisa a formação dos personagens e busca o suporte teórico de Bachelard (1988), Gruzinski (2001) e diálogo com outras áreas do conhecimento interdisciplinar. Certos traços do imaginário plástico e político dessa produção literária dá visibilidade e potencializa a memória cultural timorense ficcionalizada. Tal é a sorte da imaginação transfigurada do autor que coincide com a da própria personagem e da aura que deste irradia. O que não elimina, porém, toda sombra do princípio de realidade. A música da escrita de Cardoso se conquista a este preço.

Palavras-chave: Identidade; Luís Cardoso; narrativa.

Abstract: This work focuses on the problematization of identity formation through the domain of postcolonial studies through literature, as a privileged field, specifically, the narrative *Olhos de Coruja Olhos de Gato Bravo* (2001), by Luís Cardoso. It is intended to outline the cultural environment of the writing context in an attentive focus on the narrative personality that permeates the texts, as well as what the environment around. The text finds theoretical support in Bachelard (1988) and Gruzinski (2001) dialoguing with other areas of interdisciplinary knowledge. Certain the political imaginary of this artistic production will give visibility to the creative imagination, both writer and the reader, potentiating the Timorese cultural memory in this fiction. Such is the fate of the author's transfigured imagination. However, this does not eliminate any possibility from the reality.

Keywords: Identity; Luís Cardoso; narrative.

Resumen: En el ámbito de los Estudios Culturales, a través del dominio poscolonial, este trabajo propone reflexionar sobre el cuestionamiento de la formación de la identidad a través de la literatura, como campo privilegiado, en concreto, la obra *Olhos de Coruja Olhos de Gato Bravo* (Ojos de Búho, Ojos de Gato Salvaje, 2001), de Luís Cardoso. Se pretende esbozar el entorno cultural de la imaginación creadora del autor, con una cuidadosa atención a la personalidad narrativa que transita el texto. Este estudio analiza la formación de personajes y busca el apoyo teórico de Bachelard (1988), Gruzinski (2001) y el diálogo con otras áreas del saber interdisciplinario. Ciertos rasgos del imaginario plástico y político de esta producción literaria dan visibilidad y potencian la memoria cultural ficticia timorense. Tal es la suerte de la imaginación transfigurada del autor que coincide con la del propio personaje y el aura que de él emana. Sin embargo, esto no elimina toda sombra del principio de realidad. La música escrita por Cardoso se conquista a este precio.

Palabras clave: Identidad; Luís Cardoso; narración.

¹ Hankuk University of Foreign Studies – Departamento de Estudos Brasileiros.

Introdução

Nascido em 1958, em Cailaco, no Timor-Leste, o autor Luís Cardoso vivenciou desde cedo um ambiente intercultural. Residente em Portugal desde 1975, aspectos da cultura timorense são referenciados em sua produção. A caracterização de seus personagens faz brotar em seus textos um imaginário rico de fantasias e histórias criadas por um olhar exilado que vê as muitas linhas de contato da cultura timorense cruzar sua prosa.

Entre os contágios que atravessam seus textos, duas pungentes alegorias conectadas entre si destacam-se no horizonte deste trabalho: 1) A primeira é a linguagem como ferramenta de inscrição, gestação e dinamização dos processos singularizantes – é pela linguagem que o abuso de poder das instituições simbolizadas pela Família/Igreja/Estado coíbe a cultura subalternizada da protagonista Beatriz; e pela impossibilidade dela corresponder à identidade das tradições timorenses. 2) A segunda é a memória, as lembranças da infância e da juventude como uma “musa tutelar” que nutre os relatos reminiscentes de ressonância com o passado e acontecimentos do presente.

De acordo com Bakhtin (1986, p. 194), enquanto “fenômeno ideológico por excelência”, a linguagem é tanto um campo de luta para a contestação e transgressão de normas e valores, como o lugar de fala e instrumento de interação social. Nesse sentido, a poética de Luís Cardoso empenha-se no agenciamento de entradas e fluxos articulados de linhas de fuga pluralizadas de diferenças culturais, étnicas, políticas, de gêneros, na relação dialógica com o seu entorno.

O imaginário do autor parte da memória e das experiências vividas no Timor-Leste, bem como da luta para a independência do país. A obra *Olhos de Coruja Olhos de Gato Bravo* (OCOGB, 2001) não é uma narrativa explicitamente histórica, mas retrata criativamente a voz dos diversos modos de vida, até o término do império português no Timor, em 1975. A fantasia e a realidade se misturam nesse texto e potencializam um rico imaginário aludido à cultura timorense.

A história e a cultura aparecem na obra deste autor como alegorias políticas de seu imaginário criativo. De acordo com Cardoso, a sua literatura dá continuidade às tradições das narrativas orais de realce ficcional da própria história do povo maubere. Como ele mesmo afirma, “a literatura timorense baseia-se na oralidade, na figura do contador de histórias, que é uma pessoa que vem das montanhas e que, além de contar a sua própria vida, o seu quotidiano e os seus mitos, vai criando outras estórias” (CARDOSO, 1998). Dito isto, o autor cria narrativas que também povoam a mundivivência de experiências registradas pela memória.

As suas personagens potencializam as crenças animistas e mitológicas, e as tradições com ênfase na ancestralidade, uma vez que recupera o diálogo dos vivos com os mortos, numa aventura que liga o passado e o futuro, e mundos diferentes. A partir destes apontamentos, sobretudo pela releitura da obra de Cardoso, infere-se um imaginário subjacente à identidade moderna que se alinha, de preferência, à memória onírica do autor conectada à sua fantasia.

O enredo da narrativa *Olhos de coruja, olhos de gato bravo* nos leva aos acontecimentos que antecedem a ocupação indonésia no país. Em “meados do mês de março de 1974 anunciavam uma mudança para breve. O que de facto veio a acontecer com a Revolução dos Cravos no mês de abril do mesmo ano em Portugal e o surgimento dos partidos políticos timorenses” (OCOGB, p. 153). As mudanças políticas ocorridas na metrópole ficcional impactaram sensivelmente a vida na colônia, ao ponto do casamento dos personagens Beatriz e Luís Albuquerque ter ocorrido às pressas, por receio dos noivos não concretizarem o casório.

Dar voz ao protagonismo feminino, em primeira pessoa, foi algo natural, de acordo com o autor. A medida em que a narrativa desdobra os acontecimentos, a história da formação da personagem Beatriz é a metáfora que coincide com a formação dos partidos políticos e da própria nação. O velho catequista, pai de Beatriz, pretendia integrar o território para fundar uma grande nação, “fundar o seu Partido Unionista, e proclamava que o território era muito pequeno

para ficar separado, não teria condições de sobrevivência, pois todas as ilhas eram uma terra única desfeita em várias por vias de um terremoto” (OCOGB, p. 157). Entretanto, antes de avançar nos planos, foi preso pelo próprio afilhado, na vingança pelo abandono na busca pelos familiares, uma vez que “o velho deixara de ser catequista e se tornara num comerciante próspero prometendo distribuir frigoríficos, caixas de cervejas e cigarros de mentol por cada um dos seus militantes e restantes familiares” (OCOGB, p. 157).

Por outro lado, o português Luís Albuquerque integrante do Partido Federalista reagia contra a independência do país, “quando das palavras passaram para o diálogo das catanas provavelmente um ajuste de contas antigas” (OCOGB, 2001, p. 157) com os defensores da independência.

Nesse sentido, o imaginário criativo do escritor potencializa os espaços para o engendramento de uma memória cultural timorense circunstanciada numa política ficcionalizada e certo parentesco com a realidade. Tal é a sorte que a imaginação do escritor transfigura e coincide com a da própria personagem da obra. O que não elimina, porém, toda sombra do princípio de realidade mimetizada. Entre a vastidão de elementos simbólicos e míticos dessa produção, optamos por uma leitura modesta de sua obra. Nosso trabalho tem como principais apoios teóricos Serge Gruzinski (2004), Gaston Bachelard (1988), Paul Ricoeur (1994), assim como sociólogos e outros estudiosos para as reflexões da matriz ficcional.

“Os olhos são a janela da alma”

Na narrativa *Olhos de Coruja olhos de gato bravo*, a protagonista timorense, crescida na metrópole, longe do país onde nasceu, vestia-se como ocidental e só falava português. Ela não sabia exprimir-se em Tétum nem em Manbae, línguas locais, não sabia mascar a *areca*, nem dançar o *tebe*², e só poderia casar se fosse com *malae mutim*³, tendo em vista sua inabilidade com as tradições timorenses.

Uma vez que “os olhos são as janelas da alma e revelam emoções profundas”, a narrativa sugere a metáfora dos olhos como uma potência para ver a amplitude do mundo exterior e interior de si mesma. Na ocasião do batismo de Beatriz, o padre Santa colocou uma venda preta nos grandes olhos da menina e disse-lhe que já tinha visto tudo, “não precisaria mais de olhos para ver”. Assim, o sacerdote tenta limitar a capacidade da criança de perceber o mundo ao seu redor (OCOGB, p. 116). O pai de Beatriz, um catequista católico timorense, de origem chinesa e olhos pequenos, autoriza o ritual para cobrir os olhos da menina, limitando-a a percepção de que tudo que é externo e visível é ameaçador.

A cegueira imposta à menina é o desdobramento de sua fragilidade e figura uma identidade compelida a adequar-se ao contexto das tradições criadas pelo pai e pelo padre Santa. O desejo de liberdade da personagem deu lugar à ambígua tradição patriarcal.

Sobre isto, Guimarães e Orlandi (1996) advertem que a imposição de regras e valores impedem que novas diferenças e formas e modos de vida surjam, pois:

a diversidade e a diferença começam a ser consideradas com o surgimento de novas identidades. As distâncias e as fronteiras entre as nações encurtam-se, as pessoas migram e se deslocam, se misturam, as comunicações se agilizam, as identidades nacionais se ressignificam. (GUIMARÃES e ORLANDI, 1996, p. 70)

É no entardecer da vida que Beatriz descobre o esvaziamento dos referenciais da tradição criada pelo pai e imposta desde a sua infância. Na noite de núpcias, após a morte do

² Dança tradicional timorense.

³ De acordo com o dicionário Infopédia, este termo significa estrangeiro de pele branca.

marido *malae*, ela percebe que “faltava ver os olhos dele”. A narrativa termina quando Beatriz arranca a venda dos olhos, em súbito consciente, e vê que os olhos dele “eram verdes como de um gato bravo” (OCOGB, p. 116).

De acordo com Bachelard (1988) “o ser do devaneio atravessa sem envelhecer todas as idades do homem, da infância à velhice”. Entretanto, tal é a fatalidade da personagem Beatriz que experimenta uma fantasia agenciada de fabulação quando tenta reviver sua infância timorense encoberta. Sob este aspecto, Bachelard (1988) nos faz refletir sobre a constituição do ser quando trata da produção do imaginário: “éramos, sonhávamos ser, e agora, sonhando a nossa infância, somos nós mesmos?” É, portanto, na fase adulta que a personagem Beatriz tem a liberdade de voltar-se aos devaneios da infância.

A narrativa de memória é o repertório de uma realidade figurada, assaz imposta, como um jogo de máscaras. Neste sentido, a ficção de Cardoso ressalta personagens que vivem o limiar entre o espaço real e o espaço imaginado de tradições inventadas. A trama tem como pano de fundo os acontecimentos velados e censurados pela cultura patriarcal, em detrimento ao feminino subalternizado que desenvolve a consciência de sua subalternidade somente na fase adulta. É na maturidade que Beatriz se dá conta de sua condição: “não consegui ver nada. Foram muitos anos de sombra” (OCOGB, p. 116). O processo de luta para a formação dessa consciência, desde a remota infância, quando não é por rupturas, é realizado por meio da repressão. Assim, a realidade impõe circunstâncias adversas e paradoxais para a personagem.

Os cenários do texto estão em estreita cumplicidade com certas frustrações que assediam as personagens. Essa produção de Cardoso mostra como o confinamento de Beatriz está na correspondência do conflito à ordem dos valores e dos acontecimentos políticos que movimentam a política da escrita do autor. É por adesão ou recusa, num de jogo de máscaras, que instintivamente a personagem se abriga contra o obscurantismo de sua cegueira. A vontade de potência que movimenta o texto empurra as personagens para performances complexas e multifacetadas. É nesse sentido que a sequência de acontecimentos da narrativa implode silenciosamente as linhas fronteiriças dos limites de controle do pai.

Se, por um lado, os fluxos da consciência da personagem realinham um novo modo de vida, que difere do destino que o pai escolheu para ela, por outro potencializam a constituição de novas formas de diferença e resistência aos mecanismos hegemônicos. Beatriz faz brotar novas linhas de abertura para o futuro. É, portanto, no âmbito paradoxal do ambiente doméstico e adverso que a personagem se constitui e tende a se proliferar, e potencializar a vontade de diferença.

A obra *Olhos de Coruja olhos de gato bravo* faz um caminho sinuoso e expressivo, de vários pontos de vista, na cena da literatura timorense em língua portuguesa. A narrativa propõe cenários constitutivos e inacabados de fracassos ou vitórias que serve de advertências para modernos e tradicionalistas. O texto sugere, portanto, uma leitura da dialética tradição/novo, sobre a qual Paz (1974) convida a meditar em sua reflexão da história cultural.

Os *não ditos* e os espaços em branco do texto também compõem o cenário da escrita do autor. O destino da personagem, a organização do enredo, a resolução final dos conflitos, tudo é deixado nas mãos do leitor que assiste às contendas dos personagens em formação. O imaginário do leitor recria as cenas faltantes em que as identidades circulam livremente. A obra literária pensada nesse aspecto é a fantasia que povoa a escrita de Cardoso.

Narrativa de formação de identidades

A íntima relação da Literatura com os Estudos Culturais mobiliza a produção de práticas e hábitos no processo civilizatório para a formação das personagens da obra em pauta. A produção literária de Luís Cardoso, não somente pela representação simbólica de elementos

culturais timorenses, refuta, também, a formação da identidade das personagens e do Estado nação Timor-Leste no imaginário do autor.

Em outras palavras, as trocas interculturais e o espaço de sociabilidade, por hipótese, singularizam a produção criativa do imaginário de Cardoso. Sobre isso, Joachim (2010) acrescenta que a ambivalência nas personalidades ou obras traduz uma “dílaceração entre as três faces do tempo passado/presente/futuro, em oposição diádica”. Joachim esclarece ainda que “é preciso separar, até certo ponto, vida do escritor e do artista, e o funcionamento de sua obra. Porém, às fronteiras restam amiúde difíceis de circunscrever” (JOACHIM, 2010, p. 158). Portanto, é necessário questionar, inclusive, as asserções da Psicologia ou da Psicanálise na explicação de todos os fenômenos literários e artísticos manifestos que contabilizam a carência de explicação. No plano simbólico, o *leitmotiv* da escrita literária de Cardoso surge da materialização da memória de suas experiências e das histórias que ouvia quando residia no Timor-Leste. Suas obras potencializam as tradições timorenses e o parentesco com o real. A diversidade de elementos simbólicos converge para multiplicidade de acontecimentos constitutivos da pluralidade de sua produção.

A obra *Olhos de Coruja olhos de gato bravo* tonifica e ilustra certas tradições que direcionam o leitor à vasta imensidão inquietante do universo ficcional timorense. A produção dos modos de vida da narrativa, os costumes ancestrais, os dotes matrimoniais, as rivalidades entre régulos e *liurais*⁴ a sacralização dos espaços, o divertimento na luta de galos, a ritualização do parto, o hábito de mascar a *areca*⁵, entre tantos outros elementos culturais são engendrados de forma vertiginosa em suas produções.

Sobre os referenciais identitários, para o pesquisador timorense Vicente Paulino (2013), “os timorenses, na sua condição de reconhecimento da existência da natureza e da tradição, criaram e estabeleceram uma nova fase de construção da identidade (...), sobre as práticas rituais”. Para Giddens (2000) fenômenos como esse constituem uma espécie de “paralelismo” na vivência diária, na combinação entre o ritual e a verdade formular. A partir desse paralelismo, Paulino adianta que:

a própria condição humana timorense, no âmbito do seu reconhecimento com a natureza e a tradição, parece tão significativa enquanto a sua maneira de estar com o mundo (especialmente a natureza em si) e com o Outro (especialmente com os grupos da mesma tradição e de outra tradição). (PAULINO, 2013, p. 115)

Neste sentido, a convergência entre política, cultura, secreto, público e familiar no texto formam múltiplos sujeitos emparedados, especificamente, sob o período de ocupação estrangeira no Timor-Leste. Esses engendramentos certamente inspiraram a demanda artística de Luís Cardoso para a construção da trama e dos cenários de suas produções literárias. A verossimilhança na narrativa sobressalta a vivência dos jovens imersos na dicotomia e ambivalência, entre a tradição e o novo. Observamos na obra de Cardoso que os fluxos da formação da diversidade e da diferença nas personagens de gerações distintas são constituídos ou pela influência das tradições locais ou pela sublimação da cultura estrangeira – muitas vezes circunstanciada à revelia dessas tradições.

De acordo com Silva (1999), em face da tradição, os contornos constitutivos da identidade de referência tanto potencializam a centralidade do poder, como indicia mecanismos de controle hierarquizante. Assim, a construção da identidade acontece tanto por identificação quanto por separação ou ruptura. Por outro lado, Benjamim Abdala (2001, p. 120) coloca que nem todas

⁴ Termo utilizado para designar o chefe de um respectivo suco timorense.

⁵ Planta de coloração vermelha originada em regiões quentes, cujo o fruto é uma amêndoa mastigável.

as mestiçagens nasceram de conquistas ou negociações culturais. Nesse sentido, pensar as gerações antes e depois da ocupação no território timorense na ficção de Cardoso é situar a formação de identidades em processo de vir a ser, ou seja, em formação contínua.

Dito de outro modo, sob este aspecto, Walter Mignolo (2008, p. 304) afirma que “pensar a partir da exterioridade e em uma posição epistêmica subalterna à hegemonia que cria, constrói, erige um exterior a fim de assegurar a sua interioridade”. Em outras palavras, as relações de poder atuantes para a formação da identidade de Beatriz sugerem dessimetrias e recusas. A personagem sente-se compelida a adaptar-se aos costumes de sua ancestralidade. Em face do conflito, sob as facetas culturais, a identidade da protagonista é formada tanto por assimilação quanto por conformação às situações de estrangeiridade. Nesse sentido, a potência dessa ambivalência é capaz de levar à sublimação do desejo e, por via de consequência, sensações de uma decepcionante dicotomia entre este sublime idealizado, ou seja, a cultura do país onde nasceu, e os confrontos reais que a levaram à ruptura das tradições paternas. Os embaraços da alteridade estão no limiar do exílio e da resistência da personagem.

Para Foucault, a resistência não é apenas através da recusa à ordem dos valores, mas “um processo de criação” para a constituição de diferenças, uma vez que “criar e recriar, transformar a situação, participar ativamente do processo” faz parte da formação das singularidades que constituem os sujeitos (FOUCAULT, 1984, p. 741).

Assim, depois de mais de uma década, o retorno da personagem Beatriz ao Timor-Leste, país onde nasceu, é substanciado por certo estranhamento. O desenvolvimento da protagonista na narrativa é operado pelas relações de poder e erigido pela resistência e história de luta que atravessa a obra. A sensação de ser estrangeira em sua própria terra indicia a perda de referenciais locais valorados e a constrange pois “tinha de aprender tudo de novo” (OCOGB, p. 139). A narradora completa:

Fiquei em dúvida sobre o lugar da minha presença, não falava a língua com que as pessoas se entendiam, não tinha na minha memória um lugar que fosse meu, não me lembrava do rosto exato dos meus pais, padre Santa fizera mais de uma vez viagens a Timor e no seu regresso nunca me deu notícias do paradeiro deles, sabia vagamente que ainda tinha uma avó e dois irmãos gêmeos bem distintos um do outro. (OCOGB, p. 139)

Isso está aplicado ao que Reguillo (2005, p. 209) considera “o conjunto de práticas que segmentam e organizam o espaço da cidade em uma geografia imaginária (alimentada por algumas culturas que atuam como agoureiros da catástrofe) e constroem os itinerários do transitável”. No caso da personagem Beatriz, o espaço ficcional traça a dicotomia do real e do desejo de vir a ser como expressão da imaginação. Apesar dos esforços do padre Santa de vendá-la para que ela não visse o mundo fora das tradições, o universo timorense ainda era desconhecido para a protagonista.

Para o historiador francês Serge Gruzinski (2004), todo o homem social interage e interdepende do outro. O “eu-individual” só existe mediante o contato com o outro, pois

cada criatura é dotada de uma série de identidades, ou provida de referências mais ou menos estáveis, que ela ativa sucessivamente ou simultaneamente, dependendo dos contextos. A identidade é uma história pessoal, ela mesma ligada a capacidades variáveis de interiorização ou de recusa das normas inculcadas. (GRUZINSKI, 2004, p. 50)

Dito isto, o espaço geográfico surge na imaginação de Beatriz a partir de uma dupla função: tanto possibilidade de liberdade como recusa de preceitos hierarquizantes para a formação de sua identidade singular. As linhagens dessa formação apontam para uma intensa

herança cultural de margem. Nas palavras de Paul Ricoeur (1994), o *eu* significa que este não se individualiza em relação ao conceito, mas em relação a si de maneira única, fora da totalidade do ser e da consciência pensante, ou seja, fora da distinção do individual e do geral.

A formação da identidade na obra de Cardoso brota nos subterrâneos dos acontecimentos para o desenvolvimento da personagem desde a infância, por caminhos secretos, ao cruzar em pontos complexos e se espalhar horizontalmente, sem uma direção clara e precisa de referenciais de origem, fim ou ligação definitiva de sentido. Para tal articulação ficcional, o conjunto de acontecimentos condensa-se em impulsos de avanços por pontos de fuga. As experiências de formação da personagem Beatriz têm seu complemento lógico como a problematização de sua constituição e, por sua vez, anunciam que, o *eu* constitui-se num movimento diferente do intencional, pois trata-se da experiência anterior à reflexão.

Considerações finais

A partir das considerações apresentadas, dos recursos e de vários outros instrumentos, sobretudo pela releitura e reflexão sobre a narrativa de Luís Cardoso, infere-se que o imaginário atribuído a personagem Beatriz subjaz uma identidade moderna que se alimenta da memória onírica da cultura timorense ficcionalizada. O real bruto das Ciências duras ofusca a sua prevalência objetiva no texto, uma vez que é pelo caminho do imaginário que circula o desejo de liberdade da personagem.

Portanto, a obra de Cardoso: 1) faz pensar o mundo em nós e ao redor de nós, a partir de algo que pode ser apresentado como estranho ou problemático; 2) e permite reinterpretar a formação do discurso constituído por diferentes formas de vida, silenciadas ou impostas, por sequências de comportamentos – gestos, posturas, acontecimentos, mas, também, está suscetível de ser registrada pictoricamente, como possibilidade que faz advir novas formas de vida; 3) além de constituir linhas de abertura para a formação de novas diferenças e romper com os convencionais marcadores de tempo e ocultismo.

A pertinência da discussão apresentada reside, para além de ressaltar a excepcionalidade da produção do autor timorense e de cada personagem, no realce das tensões políticas hegemônicas entre as gerações, no âmbito da esfera pública da história do Timor-Leste, e na esfera privada das relações hierarquizantes. Na tensão entre a tradição e a autonomia, a luta para a construção da consciência de minoria e formação da identidade resiste, na maioria das vezes, por meio da linguagem e da transgressão de normas e valores.

Nos limites deste trabalho, a identidade de Beatriz configura-se na formação da consciência e recusa das operações de poder correlatas aos processos de subalternização. O espaço da política ficcional do texto potencializa a possibilidade de constituir as diferenças por uma dinâmica de superação e de lutas.

Portanto, a narrativa de formação das personagens de Cardoso está estreitamente relacionada à significação de todo elemento sensível do texto (tempo, espaço, enredo, personagens), e solidária ao núcleo-principal para exercer com os outros elementos fenomenais a função esclarecedora e identificadora dos sujeitos em devir. Assim, essa produção percorre um caminho simbólico de acesso à diversidade do ser e do mundo, sempre em transformação, mas por percursos substancialmente diferentes e incessantemente reinterpretáveis.

Referências

BACHELARD, G. **A Poética do Devaneio**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BOUGNOUX, D. **Introdução às ciências da informação e da comunicação**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CARDOSO, L. **Olhos de coruja olhos de gato bravo**. 1. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2001.

CARDOSO, L. **Do encantamento à ira**. Entrevista concedida ao Expresso, publicada em 21 de março de 1998. Disponível em: http://www.sudoestealentejano.com/literatura/paginas/luis_cardoso.htm. Acesso em: 14 jun. 2022.

CARMO, C. I. **Adolescer em clausura**: Olhares de Aquilino, Régio e Vergílio Ferreira sobre o romance de internato. Viseu: Universidade de Algarve & Centro de Estudos Aquilino Ribeiro; Eden gráfico, 1998. p. 37-45.

GUIMARÃES, Eduardo; ORLANDI, Eni P. (Org.). **Língua e Cidadania**. Campinas: Pontes, 1996.

JOACHIM, S. **Poética do imaginário**: leitura do mito. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010. 311 p.

GIDDENS, A. Política da Sociedade de Risco. In: GIDDENS, A.; PIERSON, C. (Ed.). **Conversas com Anthony Giddens**: O Sentido da Modernidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

GRUZINSKI, S. **O pensamento mestiço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PAULINO, V. Céu, terra e riqueza na mitologia timorense. **VERITAS**, n. 1. Díli: PPGP-UNTL, p. 103-129, 2013.

REGUILLO, R. Horizontes fragmentados. In: **Comunicación, cultura, pospolítica**: El (des)orden global y sus figuras. Guadalajara: ITESO, 2005, p. 112-209.

RICOEUR, P. **Temps et Récit**. Paris: Seuil: 1983/1985. [Tempo e Narrativa]. São Paulo: Papyrus, 1994.

Mignolo, W. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**, Niterói, n. 34, p. 287-324, 2008.

Outras consultas

Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/tetum-portugues>. Acesso em: 20 jun. 2022.

Sobre a autora

Mariene de Fátima Cordeiro de Queiroga é mestre em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba e doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da mesma universidade. Atualmente é professora no Departamento de Estudos Brasileiros da Hankuk University of Foreign Studies.

E-mail: marieneaqueiroga@hotmail.com.